

Ministério da Educação
Secretaria da Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia de Goiás
Universidade Federal de Goiás

A Motivação como Diferencial no Processo Ensino-Aprendizagem no PROEJA

Lucília Sousa Vaz

Goiânia

2009

Lucília Sousa Vaz

A Motivação como Diferencial no Processo Ensino-Aprendizagem no PROEJA

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação Lato Sensu do Centro Federal de Educação Tecnológica de Goiás – CEFET/GO como critério para obtenção do título de Especialista em Educação Profissional Integrada à Educação Básica na Modalidade de Jovens e Adultos sob orientação da Professora Ms. Geovana Reis

Goiânia

2009

Ministério da Educação
Secretaria da Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia de Goiás
Universidade Federal de Goiás

A Motivação como Diferencial no Processo Ensino-Aprendizagem no PROEJA

Lucília Sousa Vaz

Avaliadores:

Professora Ms. Geovana Reis – Orientadora

Goiânia

2009

A minha mãe Maria de Lourdes
Pereira

Agradecimentos

A Deus pela capacidade de aprender

Aos professores pelo esforço e
dedicação.

Toda ação humana, quer se torne positiva ou negativa, precisa depender de motivação.

Dalai Lama

Resumo

A pesquisa intitulada: **A Motivação como Diferencial no Processo Ensino-Aprendizagem no PROEJA** objetivou analisar: 1- o papel da motivação no processo ensino-aprendizagem no PROEJA; 2- compreender as relações professor/aluno nessa modalidade de ensino; 3- demonstrar a importância da motivação na Educação de Jovens e Adultos. Realizou-se uma revisão bibliográfica para selecionar referências sobre os temas motivação, ensino-aprendizagem e educação de jovens e adultos. O método da pesquisa bibliográfica propôs a interpretação e impôs uma seleção e análise dos vários enfoques sobre a temática. Verificou-se que a motivação faz parte do processo ensino-aprendizagem e envolve uma relação de respeito e confiança entre os envolvidos – educadores e educandos. Pode-se concluir que os fatores que levam o jovem e adulto a retornar a escola envolve aspectos individuais, sociais e de trabalho; os fatores de evasão devem-se principalmente a uma prática educativa que na maioria das vezes não satisfaz as necessidades do educando, as dificuldades com os conteúdos e sua dicotomia com a realidade, bem como a falta de incentivo/motivação para a sua permanência podem caracterizar fatores de desestímulo para o educando no processo ensino-aprendizagem. Os sistemas de ensino estão adaptados à matéria que os alunos têm de aprender, mas não à melhor maneira de aprendê-la e/ou ensiná-la.

Palavras – chave: Educação de Adultos, Proeja, Motivação, Ensino-Aprendizagem.

Sumário

Introdução.....	10
Capítulo I	
Teorias e conceitos sobre Motivação.....	12
Capitulo II	
Os perfis de uma relação de aprendizagem: Educando/Educador.....	16
2.1 Perfil do Educando.....	16
2.2 Perfil do Educador.....	17
Capitulo III	
EJA até chegar ao PROEJA.....	18
Capitulo IV	
A motivação no processo ensino – aprendizagem no PROEJA.....	21
Considerações Finais.....	25
Referências.....	26

INTRODUÇÃO

A motivação, tema central desse estudo pode ser entendida didaticamente como um processo de incentivação que se destina a oferecer estímulos e meios apropriados para tornar a aprendizagem mais eficaz. Motivar é inclinar-se ao aprendizado, no contexto escolar, a motivação tem como finalidade, entre outras, de estabelecer conexões entre a disciplina e o aprendizado, o professor e o aluno.

A escolha do tema: A motivação como diferencial no processo ensino-aprendizagem no PROEJA parte do trabalho com educadora na área de Técnicas em vendas e na observação do trabalho docente com Jovens e Adultos, onde a motivação estabelece relações de aprendizagem satisfatória. Os objetivos são: analisar o papel da motivação no processo ensino-aprendizagem no PROEJA- Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Jovens e Adultos; compreender as relações professor /aluno nos programas de Educação de Jovens e Adultos e demonstrar a importância da motivação nos programas de educação com públicos jovens e adultos.

Na busca de comprovar o estudo – motivação como diferencial no processo – ensino aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos, mais especificamente no PROEJA dividiu-se o trabalho em quatro capítulos, a saber: 1- Teorias e conceitos sobre Motivação; 2- Os perfis de uma relação de aprendizagem: Educando/Educador; 3 – EJA até chegar ao PROEJA; 4- A Motivação no processo ensino-aprendizagem no PROEJA.

Em teorias e conceitos sobre motivação discute-se a motivação como uma condição facilitadora nas relações do processo ensino-aprendizagem e com base na teoria de Vigotski (2006) busca-se associar motivação e aprendizagem.

A aprendizagem ocorre nas interações sociais, na escola a relação professor/aluno pode estabelecer condições para que a aprendizagem ocorra de forma satisfatória para ambos, ao traçar o perfil dos envolvidos espera-se conhecer

as partes que compõem esse processo na busca do conhecimento: educando e educador.

No capítulo EJA até chegar ao PROEJA percorre-se os caminhos da Educação de Jovens e Adultos no Brasil na perspectiva de legitimação dos programas e os benefícios deles advindos como a inserção social desses sujeitos.

O último capítulo: motivação no processo ensino-aprendizagem no PROEJA pretende demonstrar a importância da motivação nesse programa para auxiliar os educandos na busca de competências rumo ao conhecimento e ao mercado de trabalho a partir da concepção de letramento e cidadania.

A metodologia é a pesquisa bibliográfica sobre os temas que envolvem o desenvolvimento desse estudo, a interpretação das teorias e a busca de possibilidades para criação de texto que comprove a tese: motivação como diferencial no processo ensino-aprendizagem no PROEJA.

CAPÍTULO I

Teorias e Conceitos sobre Motivação.

A motivação pode ser considerada como um complexo tema para a psicologia e particularmente para as teorias de aprendizagem e ensino. A motivação está relacionada tanto a facilidade quanto à dificuldade para aprender. Busca-se apoio teórico para associar aprendizagem e motivação num processo contínuo de busca do conhecimento.

Daí pressupõe-se que as condições motivadoras estão no cerne do sucesso ou do fracasso dos professores ao tentar ensinar algo a seus alunos. Segundo BOCK (2001), o estudo da motivação considera três tipos de variáveis:

1. O ambiente;
2. As forças internas ao indutivo, como necessidade, desejo, vontade, interesse, impulso, instinto;
3. O objeto que atrai o indivíduo por ser fonte de satisfação da força interna que o mobiliza. (p. 121)

A motivação é o processo que mobiliza o organismo para a ação, a partir de uma relação estabelecida entre o ambiente, a necessidade e o objeto de satisfação. A gíria possui um termo bastante apropriado para o significado de motivação: "estar a fim" – Ambiente – organismo – interesse ou necessidade objeto de satisfação. Assim esta montada a cadeia de motivação. Outro elemento a destacar é que ela está presente como processo em todas as esferas de nossa vida: no trabalho, no lazer, na escola.

A preocupação do ensino tem sido a de criar condições tais, que o aluno "fique a fim" de aprender. Teorias mais atuais como as concepções de Vigotski (2006) que tem parte de sua obra dedicada às questões escolares, podem contribuir para olharmos os chamados "problemas de aprendizagem" sob uma nova perspectiva: a das relações sociais que caracterizam o processo de ensino aprendizagem. Para Vigotski apud Bock temos:

(...) a aprendizagem sempre inclui relações entre as pessoas. A relação do indivíduo com o mundo esta sempre medida pelo outro. (...) o desenvolvimento é um processo que se dá de fora para dentro. "É no processo de ensino aprendizagem que ocorre a apropriação da cultura e conseqüente desenvolvimento do indivíduo." (2001,p.125)

Neste contexto a escola será vista como lugar privilegiado para o desenvolvimento, pois é o espaço em que o contato com a cultura é feito de forma sistemática, intencional e planejada, provocando situações de aprendizagem. Portanto, a educação e o processo ensino-aprendizagem podem ser vistos como um processo social sistemático de construção da humanidade.

A falta de motivação pode ser caracterizada por questões pessoais do aluno e pelo contexto da escola. O medo do fracasso e a forma de encará-lo; a falta de clareza sobre os objetivos de aprendizagem; e a não satisfação das expectativas são alguns dos motivos de ordem pessoal.

Além deles, existem a influência de pais, colegas e grupos sociais, mais as experiências anteriores de cada um. Junte-se a isso o ambiente da escola e da sala de aula para o desenvolvimento das atividades, como a organização a interação com o professor, os meios e critérios de avaliação. É aí que o educador pode intervir com a motivação.

Ao abordar os pré-requisitos para alguém aprender, Falcão (2001) destaca sobre a motivação:

Toda pessoa tem determinados motivos para se comportar desta ou daquela maneira. Alguém que está estudando também terá seus motivos. Será um real interesse no aumento de conhecimentos, a conquista de boa colocação num concurso profissional, a melhora de "status" (...) ou qualquer outro motivo ou combinação de motivos. (p. 42)

Pode-se dizer que alguns deles são mais favoráveis à aprendizagem, mas sabe-se que quase todos devem ser atizados pelo professor (professor – motivador – mediador), que estará atento aos conflitos motivacionais do aluno, ajudando-o a estabelecer uma hierarquia de valores.

Ainda em Falcão (2001), sobre a questão do comportamento como um meio para alcançar o equilíbrio temos: "motivo refere-se, então, a um estado de tensão, uma impulsão interna, que se inicia, dirige e mantém o comportamento voltado para um objetivo. Este objetivo é, muitas vezes, chamado de incentivo." (2001,p.62)

No caso de alunos adultos, o estudo, aprender, conhecer, pode revelar-se da maior importância para a melhoria da vida de uma forma geral. Daí o professor deve considerar a multiplicidade de fatores que incluem na motivação do aluno a cada instante em que se desenrola a aula, criando assim um ambiente propício ao processo ensino-aprendizagem.

Em diferentes fases e situações da vida a pessoa recebe diferentemente o impacto da realidade em que está inserida. Da mesma forma como o mundo à nossa volta altera nossa realidade interior, as peculiaridades desta alteram nossa percepção do mundo. É dentro deste quadro de interação que a pessoa irá definir os objetos a alcançar e os caminhos para atingi-los. Para Falcão (2001), na Psicologia da aprendizagem: “costuma-se distinguir entre a motivação que liga uma pessoa àquilo que realiza pode ser intrínseca a ela, caso a atividade seja encarada como meio para alcançar outro objetivo.” (p. 65)

Está distinção é da maior importância para o campo educacional, uma vez que foco na escola deve ser o desenvolvimento, no aluno, de motivação intrínseca ao estudo e ao saber, ou seja, o desenvolvimento dos motivos de atividade mental.

Retomando Vigotski apud Bock (2001) pode-se afirmar que o aprendizado, quando adequadamente organizado, resulta em desenvolvimento mental, pondo em movimento processos que seriam impossíveis de acontecer, a partir dessa concepção Vigotski construiu o conceito de zona de desenvolvimento proximal:

“É a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas pela criança, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado pela solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros.” (2001:125)

Este conceito possibilita ao professor olhar seu educando de outra perspectiva, pensar o ensino das possibilidades que o aprendizado já obtido traz, ver o seu desenvolvimento de forma prospectiva, voltar-se para as funções psicológicas emergentes, potenciais, o que pode ser facilmente estimulado pelo docente e também pelo contato com os colegas que já aprenderam determinado conteúdo.

A característica essencial da aprendizagem é que engendra a área de desenvolvimento potencial, ou seja, que faz nascer, estimula e ativa um grupo de

processos internos de desenvolvimento no âmbito das inter-relações com os outros. Considerando este ponto de vista em Vigotski (2006), a aprendizagem não é, em si mesma, desenvolvimento, mas uma correta organização da aprendizagem do sujeito conduz ao desenvolvimento mental, ativa todo um grupo de processos de desenvolvimento, e essa ativação não poderia produzir-se sem a aprendizagem. Para Vigotski “o papel da aprendizagem como fonte de desenvolvimento – zona de desenvolvimento potencial está ligada à aprendizagem escolar que orienta e estimula processos internos de desenvolvimento” (2006, p.116)

Cabe ao professor através de uma motivação extrínseca, perceber o nível de desenvolvimento real do aluno e levá-lo à motivação intrínseca para que aconteça a aprendizagem de fato.

Para Kupper apud Rubinstein (2003), ensinantes entusiasmados e motivados conseguem contagiar o aprendiz, é o papel fundamental do outro no ato de aprender, ela enfatiza que;

O ato de aprender sempre pressupõe uma relação com outra pessoa, o que ensina. Não há ensino sem professor. Até mesmo o autodidatismo (visto pela psicanálise como um sintoma) supõe a figura imaginada de alguém que está transmitindo, através de um livro, por exemplo, aquele saber. (p. 89)

Daí a importância do grau de envolvimento do professor com o seu trabalho no sentido de mediar conhecimento, facilitar a aprendizagem e como isso pode afetar diretamente o sujeito da aprendizagem interferindo na sua relação com o saber e com o conhecimento.

Desejar saber deve passar a ser um estilo de vida, como motivação, o professor pode levar o aluno a compreender a utilidade do que está aprendendo e reforçar a importância e aplicação que o conhecimento tem e poderá ter para ele em sua vida pessoal e profissional. Para Soto (2008) ao abordar a conduta do processo motivação-frustração, afirma que o uso desse conceito- motivação – tem início em 1990 sendo que a pesquisa sobre o tema foi desenvolvida aceleradamente entre os anos de 1940 e 1960, ele enfoca que:

Seu antecessor corresponde ao mundo fantástico ao pré-científico, o que não quer dizer irreal, conhecido pelo nome de “vontade”, conceito que Pain (1959) constitui como a última das três categorias psíquicas fundamentais

junto com o conhecimento ou cognição e o sentimento ou emoção. Os motivos seriam, assim os substitutos científicos “vontade” (p. 118)

Os motivos são energizadores que dinamizam as atitudes. Estas representam a capacidade da pessoa – ou potencialidade. Uma resposta ou conduta orientada pelo professor, efetivamente levará a obtenção daquilo que satisfaça a necessidade ou o motivo do aluno.

Portanto, a conduta representa a realização ou manifestação das atividades de uma pessoa, o que esta em função da sua motivação.

O estudo ou compreensão da motivação permite conhecer o comportamento humano, o que por sua vez, permite prevê-lo e, portanto, controlá-lo (autocontrole ou heterocontrole) por meio da motivação, seu controle e incentivo, impulsionar o comportamento rumo aos objetos ou metas, assim a motivação torna-se instrumento fundamental no processo ensino e aprendizagem.

CAPÍTULO II

Perfis de uma relação de aprendizagens: Educando/ Educador

2.1 Perfil do Educando

Certas aprendizagens só ocorrem graças a interações sociais, por visar competências de comunicação e pelo fato da interação ser indispensável para provocar aprendizagens. Estudos demonstram que a maioria dos educandos da modalidade EJA e PROEJA apresentam dificuldades de entrosamento com os colegas e professores, mas com o passar do tempo, em aulas participativas essas dificuldades foram trabalhadas, muitos desses educandos passaram anos sem freqüentar a escola.

A todo o momento esses indivíduos têm múltiplas necessidades a serem satisfeitas, quando viram que não poderiam satisfazer a necessidade de estudar e trabalhar ao mesmo tempo optaram por apenas uma dessas atividades. Ao retornar à escola em idade adulta, na maioria das vezes eles buscam a educação como meio de satisfazer suas necessidades de melhores condições para fazer frente a uma demanda por profissionais qualificados no mercado de trabalho, para sentir-se capaz de ler e interpretar o mundo que o cerca e principalmente inserir-se nele. Nesse contexto a sua aprendizagem depende de uma motivação intrínseca, isto é, o

educando precisa tomar para si a necessidade e a vontade de aprender. Isso implica em que, uma motivação já foi estabelecida mais a disposição para aprendizagem não depende exclusivamente dele, demanda que a prática didática garanta condições para que essa atitude favorável se manifeste e prevaleça, é a motivação extrínseca.

Um fator que interfere na disponibilidade desses educandos é a unidade entre escola, sociedade e cultura, os conteúdos não podem perder sua função social real de contribuir para imprimir sentido às atividades escolares.

Para o sucesso da relação desses sujeitos: professor/aluno é fundamental que exista confiança e respeito mútuo, numa interação que possa dar conta de todas as questões de ordem afetiva e cognitiva, que satisfaça os anseios e atinja as expectativas dos educandos.

2.2 Perfil do Educador

A partir do conceito de motivação como um processo dual – intrínseco e extrínseco – e diante de sua importância no processo ensino-aprendizagem dentro do contexto educacional, mais especificamente na educação de adultos – aqui vista como um dos fatores de permanência do educando no processo – é importante que esse tema tenha uma atenção especial dentro da sala de aula, pelo fato dele ser primordial para o desenvolvimento da prática educativa. Conhecer os perfis dos envolvidos e entender como se dá essa relação é fundamental no processo ensino-aprendizagem.

No ambiente escolar a falta de motivação abre espaço para a passividade, indisciplina, dificuldade de desenvolvimento de conteúdos, desconcentração; o interesse do aluno, fator que favorece a aprendizagem está vinculado, em grande parte, à postura metodológica do professor – na educação de jovens e adultos só o retorno à sala não é suficiente para retê-lo – ele deve atentar para esse aspecto, pois aluno desmotivado ou desinteressado aumenta seu esforço físico e mental para ministrar suas aulas.

Para Libâneo (1994, p. 111) a motivação influi na aprendizagem e a aprendizagem influi na motivação, de forma que, na prática de sala de aula, entender o que leva os jovens e adultos a perderem o interesse e o gosto pelo

estudo se faz necessário. Isso acontece porque muitas vezes a seqüência dos objetivos e dos conteúdos transmitidos não são percebidos pelos mesmos e as aulas não se ligam aos conhecimentos e experiências que estes possuem, não vêm ligação com os seus objetos de aprendizagem.

Estimular os alunos para o estudo é fazer com que estes tenham atenção e atitudes, os educadores do PROEJA devem saber que a incentivação está ligada às peculiaridades do conteúdo e do grau em que eles conseguem incitar o trabalho mental, é necessário auxiliar os educandos nas habilidades e métodos próprios de resolver questões inerentes aos conteúdos. Esse esforço não deve excluir a organização de condições objetivas de mediação da aprendizagem.

Perrenoud (2000, p. 84) afirma que: Para o educando progredir é preciso colocá-lo em situação de aprendizagem, situação que tenha sentido para ele, que o envolva e o mobilize.

Contudo para o autor isso é difícil, pois em uma mesma sala de jovens e adultos existem alunos que não tem o mesmo nível de desenvolvimento, não possuem os mesmos conhecimentos prévios, não têm a mesma relação com o saber, não têm a mesma maneira de aprender.

Nesse sentido, o educador da educação de jovens e adultos deve saber trabalhar com uma diversidade de educandos, cada qual no seu nível de desenvolvimento, com seus conhecimentos prévios específicos e com maneiras diferentes de aprender.

CAPÍTULO III

EJA até chegar ao PROEJA

A trajetória da Educação de jovens e adultos é pautada na necessidade de atenuar os processos de exclusão e marginalização social dos que se encontram fora dos bancos escolares. A EJA busca oportunizar educação formal para os indivíduos que não tiveram escolarização na idade regular (Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional-lei 9394/96). As Diretrizes Curriculares Nacionais do programa destaca segundo Maia et al (2008) três funções :

Função reparadora- compreendida como reparação de dívida histórica e social relacionada a uma parte da população brasileira que teve negado o direito a uma educação de qualidade em uma escola pública. Propõe a igualdade de oportunidades.

Função equalizadora- possibilita o reingresso no sistema educacional, oportunizando, assim, aos sujeitos uma melhoria nos aspectos sociais, econômicos e educacionais.

Função qualificadora- visa à educação permanente, diversificada e universal para os sujeitos considerados em permanente reconstrução. Problematisa que, durante toda a nossa vida , estamos em constante aprendizagem e que para nossa auto-realização esta deve ser possibilitada pela sociedade.(p.142)

Atualmente o programa tem uma grande parcela de educandos jovens que abandonam as classes regulares e migram para essa modalidade de ensino, para os supletivos oferecidos pelas redes públicas e privadas e para o ensino profissionalizante na busca de acelerar a escolaridade e inserir-se na sociedade em condições mais favoráveis para o trabalho e a cidadania. Para Freinet apud Maia (2008) algumas invariáveis pedagógicas devem ser observadas,tais como:

- 1- Toda atitude imposta é paralisante.
- 2- É fundamental a motivação para o trabalho e o estudo.
- 3- Objetivos tanto partem do professor, quanto do aluno.
- (...)
- 6- A democracia de amanhã trabalha-se na escola hoje.
- 7- Otimismo frente à vida é necessário por parte do professor e do aluno. A motivação para a aprendizagem relaciona-se ao otimismo. (p.148)

A concepção adotada pela Conferência de Jomtien – Conferência Mundial sobre Educação para Todos – realizada em março de 1990 / Jomtien – Tailândia – sobre as necessidades fundamentais diz respeito a que:

Toda a pessoa – criança, adolescente ou adulto – deve poder beneficiar-se de uma formação concebida para responder as suas necessidades educativas fundamentais. Essas necessidades dizem respeito tanto aos instrumentos essenciais de aprendizagem (Leitura, escrita, expressão oral, cálculo, resolução de problemas), como aos conteúdos educativos fundamentais (conhecimentos, aptidões, valores

e atitudes) de que o ser humano tem necessidade para sobreviver, desenvolver todas as suas faculdades, viver e trabalhar com dignidade, participar plenamente no desenvolvimento, melhorar a qualidade de sua existência, tomar decisões esclarecidas e continuar a aprender (p. 13)

Essa concepção identificar-se com os objetos do PROEJA que busca levar os educandos a encarar suas necessidades de aprendizagem e lutar, sobretudo por:

- Sobrevivência;
- O desenvolvimento pleno de suas capacidades;
- A conquista de uma vida e de um trabalho digno;
- A melhoria da qualidade de vida;
- A tomada de decisões conscientes e
- A possibilidade de continuar aprendendo.

Isso implica em criar estratégias através de metodologias e ações motivadoras capazes de satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem, concentrar a atenção na relação dos envolvidos no processo ensino – aprendizagem; valorizar o ambiente para a aprendizagem; fortalecer as articulações possíveis para as ações educativas e principalmente ampliar o alcance e os meios da Educação no contexto do PROEJA São Fatores de motivação nesse processo à responsabilidade, o reconhecimento, a realização e o avanço e crescimento dos educadores e educandos.

A constatação de que os adultos têm interesses e necessidades de buscar continuamente a educação e o conhecimento deu origem a uma nova ciência no campo educacional, a Andragogia – termo citado pela 1ª vez por Pierre Furter – professor de Educação Comparada da Universidade de Genebra – em 1973; entidade como filosofia, ciência e a técnica da educação de adultos, do ser humano adulto – do grego: *andros* = homem. *Agein* = conduzir. *Logos* = tratado, ciência. Esse termo não se generalizou a ponto de substituir o clássico. Pedagogia no campo da educação de adultos, mais já trás consigo a consciência de que esses sujeitos buscam a aquisição de saberes práticos que proporcionem ao mesmo tempo a reflexão, compreensão e aplicação no mundo real como:

- Desenvolver capacidades em curto prazo – aproveitar as aptidões latentes para usá-las em benefício próprio como pessoa e no trabalho como profissional;
- Aumentar conhecimentos – É o obvio nessa educação. Existe a teoria e se completa na prática.
- Melhorar atitudes e comportamentos – sugerir a forma ideal de trabalho e aperfeiçoá-lo em sua execução.
- Aprender a aprender – O nexa da aprendizagem é desenvolver conhecimento e aplicá-lo. Quanto maior a capacidade de aprender mais fácil é a adaptação. O conhecimento é o domínio da aprendizagem.

Da necessidade de se determinar quais as diferenças tanto conceituais como técnicas entre a educação de crianças e adolescentes para a educação de adultos surge um novo campo, a Andragogia, ou seja, a ciência da educação de adultos que poderá auxiliar no estabelecimento dos fundamentos de uma didática motivadora válida para realizar adequadamente o processo de aprendizagem e possa estabelecer princípios técnicas e metodológicas que permitam o tratamento didático dos diferentes programas da Educação de Adultos.

O que é próprio da Educação de Adultos, mais especificamente no PROEJA hoje é que ela tende a institucionalizar-se, pois o rápido desenvolvimento tecnológico e uma vasta gama de informações cria a necessidade da formação do cidadão mais qualificado, não só para a participação no processo produtivo como mão-de-obra, mais também como consumidor, agente de mudanças e cidadão participativo da sociedade na qual se insere.

CAPÍTULO IV

A motivação no processo ensino-aprendizagem no PROEJA

Trabalhar com a educação de jovens e adultos e adquirir competências para ela é admiti-la na sua dimensão concreta – em busca de uma formação integradora. Pode-se associar o programa de ensino PROEJA ao conceito de letramento e educação profissional, ou seja, o PROEJA integra a educação profissional à educação básica de sujeitos que se pressupõe letrados-pessoa que vive na

condição ou estado de quem sabe ler e escrever, fazendo uso da leitura e da escrita nas práticas sociais (Soares, 2005) e capazes de inserir-se no mercado de trabalho, através de uma formação que os habilite .

Essa formação deve considerar sua condição de trabalhadores, de sujeitos de um processo de aprendizagem, educandos constituídos culturalmente, com uma bagagem de conhecimentos anteriores ao retorno à escola e com uma história, carências e dificuldades de adaptação ao contexto escolar, não só pela diversidade, em suas diferenças: de desejos, de necessidades, de conhecimentos, de experiências – de vida, de trabalho. Saber que eles criam expectativas – com relação à escola, ao conhecimento que pode adquirir o novo perfil que terá ao concluir um curso, para o mercado de trabalho, sair do anonimato e resgatar sua cidadania. A constatação de que o perfil do jovem e adulto que retorna à escola é cada vez mais heterogêneo em relação à idade, expectativas e valores leva aos professores a questão fundamental: o fato é que os motivos da volta à escola são muitos e não se pode negar ou desconhecer qualquer um deles no processo ensino-aprendizagem, se conhecer a realidade objetiva e coletiva desses alunos verá que ela está marcada pelas condições de classe, de sexo e de etnia. Há ainda outra realidade subjetiva e singular, a emoção, o afeto e o desejo, e a partir dessa realidade subjetiva o educador encontra o ponto certo para usar a motivação como meio de reter e incentivar o aluno a confiar em si mesmo e continuar a estudar.

Soto (2008) aborda várias teorias motivacionais aplicáveis à realidade dos alunos do PROEJA – Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos, projeto educacional que tem como fundamento a integração entre trabalho, técnica, humanismo e cultura em prol do efetivo exercício da cidadania pelos jovens e adultos educandos do programa. Para melhor compreensão do papel da motivação no PROEJA retoma-se alguns conceitos.

Na teoria da Necessidade ou impulso geral de atualização do organismo temos:

Existe um instinto único, um impulso geral de atualização de natureza estívolúe (Maslow - 1954). A conduta está alavancada pela necessidade contínua de defender e restabelecer o equilíbrio entre o indivíduo e o ambiente, condição essencial da vida. O organismo se desenvolve, se atualiza, em estreita relação com o meio ambiente em que vive. É mínima a

importância do inato e destacada a do ambiente sociocultural que é o que impõe o modelo de conduta pela necessidade de adaptação ao mesmo (SOTO, p.. 121).

Diante de um mundo globalizado, ideologicamente capitalista, em plena era da sociedade do conhecimento, o progresso tecnológico, a concorrência no mercado de trabalho; tudo isso leva o jovem e adulto a retornar à escola, como um meio de adaptação e sobrevivência, frente a uma realidade de exclusão. Essa necessidade de atualização pode ser o ponto chave para o educador desse programa de ensino trabalhar o incentivo, a motivação, frente às dificuldades do educando.

Segundo Carl Young (1991) apud Soto (2008) a motivação baseia-se fundamentalmente na afetividade. O comportamento tende a reduzir ao mínimo os processos afetivos de sinal negativo e estender ao máximo os de sinal positivo (p. 125), daí o aspecto relevante da motivação pelo professor nas salas do PROEJA, se estimulado o aluno terá um comportamento de sinal positivo rumo à aprendizagem efetiva.

As teorias das necessidades situam a motivação nos incentivos, metas, objetivos ou recompensas que satisfazem as necessidades das pessoas. Se o jovem e o adulto buscam a profissionalização e a educação básica, pressupõe-se que eles sentiram a necessidade de voltar a estudar para atingir metas e recompensas no que se refere ao pessoal e ao profissional, capacita-se para ir a luta no mercado de trabalho ao mesmo tempo em que se sente incluído na sociedade. Sua permanência na formação depende da capacidade do professor em fazê-lo acreditar em se mesmo, através de atitudes motivadoras.

Na teoria dos motivos Cognitivos, Soto (2008) temos:

São orientados à sobrevivência do indivíduo como ser permanente. Nesses motivos, exclusivo do ser humano encontra-se seu apoio os traços que se admitem como definidores do ser humano – dignidade, respeito, liberdade para o próprio desenvolvimento (...) Entre tais motivos, exclusivos do ser humano, encontram-se os de: Auto-realização, compreensão, aceitação, fazer projetos. A necessidade de projetar da origem à conduta de antecipação (p. 139)

Esse tipo de necessidades chamadas de “superiores” são necessidades de crescimento ou “plena humanidade” (Maslow, 1954 apud Soto, 2008) que precisa de

uma tomada de consciência prévia da própria identidade. No processo ensino-aprendizagem, o educador do PROEJA ciente de seu papel de mediador e motivador pode exercer uma influencia positiva e estimulante para a formação dos indivíduos, numa interação por meio da qual surgirá o fator de desenvolvimento humano com uma formação integral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ato de aprender sempre pressupõe uma relação com outra pessoa. Na educação de jovens e adultos, seja na EJA e/ou no PROEJA, essa relação encontra barreiras individuais, sociais e de aprendizagem. A motivação vista como algo inerente às ações humanas leva a crer que no contexto escolar não seria diferente, a partir da concepção desses indivíduos como aprendizes ativos, com metas estabelecidas, esses sujeitos que trazem consigo o desejo de crescer e aprender mesmo diante de demandas que competem por seu tempo e energia estão dispostos a reiniciar um processo de aprendizagem.

Para tal precisam encontrar no outro – o educador – atividades e ações que o levem a continuar, seja na metodologia apropriada, no planejamento do currículo, assentado nos pressupostos de uma pedagogia crítica que tenha um compromisso com a transformação humana e social.

Essa relação é importante para a aprendizagem e a aquisição de novos conhecimentos aplicáveis à realidade dos educandos. Ao motivar e instigar os alunos, criar situações de aprendizagens significativas e também conhecer a realidade e objetivos dos mesmos, os docentes estarão realizando uma prática positiva, influenciando comportamentos e criando o verdadeiro sentido para a educação.

Os sujeitos desse processo – educando e educador - devem, portanto considerar a multiplicidade de fatores que os envolvem para assim criarem um ambiente propício e motivador para alcançar os objetivos de uma formação integradora voltada para o desenvolvimento do ser humano na sua inteireza.

REFERÊNCIAS

BOCK, Ana M. Bahia. et al. **Psicologias: Uma Introdução ao estudo de psicologia**. São Paulo: Saraiva, 2001

FALCÃO, Gerson Marinho, **Psicologia da aprendizagem**. 10ª Ed. São Paulo: Ática, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

MAIA, Christiane Martinatti et al. **Saberes e Singularidades na educação de jovens e adultos**. Porto Alegre: Mediação, 2008

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar: convite à viagem**. Porto Alegre: Artes Médicas Editora, 2000

RUBINSTEN, Edith Regina. **O estilo de Aprendizagem e a queixa escolar: entre o saber e o conhecer**, São Paulo: Casa do psicólogo, 2003.

SOTO, Eduardo. **Comportamento Organizacional: O Impacto das emoções**. Tradução de Jean Pierre Narras. São Paulo: Centage Learning, 2008

VIGOTSKII. Lev Semeno Vich. et al. **Linguagem, Desenvolvimento e aprendizagem**. Tradução: Maria da Penha Villa Lobos. São Paulo: Ícone, 2006.

Disponível em: <WWW.educacaoonline.pro.br/a_conferenciadejomtieneaeducacao_para_todos_no_brasil_dos_anos_1990> Acesso em: 09/08/2009